

NÓS E A GENTE NO PORTUGUÊS FALADO CULTO DO BRASIL *
(*Nós* and *A gente* in standard spoken Brazilian Portuguese)

Célia Regina dos Santos LOPES (*Universidade Federal do Rio de Janeiro*)

ABSTRACT: An analysis of the variation nós and a gente in subject position is presented. Using the framework of Labovian Quantitative Sociolinguistics, social and linguistic factors were identified in order to explain the different distributions of these forms. The study focused the use of educated speakers of three main geographical regions of Brasil: Rio de Janeiro (Southeastern area), Porto Alegre (Southern area) and Salvador (Northeastern area).

RESUMO: Este trabalho analisa a variação de nós e a gente na posição de sujeito. Com base nos princípios da Sociolinguística Quantitativa Laboviana foram identificados os fatores lingüísticos e sociais com o objetivo de explicar a diferente distribuição destas formas. O estudo focaliza o uso de falantes cultos das três principais regiões geográficas do Brasil: Rio de Janeiro (Sudeste), Porto Alegre (Sul) e Salvador (Nordeste).

KEY WORDS: Sociolinguistic; Variation; Personal Pronouns; Portuguese.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Variação; Pronomes Pessoais; Português.

0. Introdução

A alternância das formas *nós* e *a gente*, representando a primeira pessoa do plural, é de uso comum entre os falantes no Brasil. A gramática normativa, entretanto, por raramente explicar fenômenos já consagrados na língua falada, apresenta, ainda, incoerências quanto à classificação e inserção da forma *a gente* no sistema de pronomes pessoais e considera o pronome *nós* como mero plural de “eu”, sem discutir o seu uso mais abrangente e genérico de um “eu-ampliado”.

Nos últimos anos, diversas pesquisas têm sido realizadas sobre a introdução da forma *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, como uma variante do pronome de 1ª pessoa no plural *nós* (Naro et alii, 1983, Omena, 1986, Albán et alii, 1986, Fernandes & Gorski, 1986, Freitas et alii, 1991, Lemos Monteiro, 1991). Tais pesquisas de cunho variacionista ou restringem-se à investigação das características sociais, sem apontar os fatores lingüísticos que favorecem o uso dessa variável (Lemos Monteiro, 1991), ou tomam por base apenas a fala popular (Omena, 1986).

* Este Artigo é em homenagem ao Prof. Ataliba Teixeira de Castilho

Pretende-se, pois, rever essas posições, dando conta da norma oral culta e identificando, além dos fatores sociais, os ambientes lingüísticos que condicionam o uso de *nós* e *a gente* na função de sujeito. Para tanto, utilizamos metodologia variacionista, levando em consideração as seguintes variáveis sociais: *região geográfica*, representadas pelas cidades do Rio de Janeiro (região sudeste), Salvador (região nordeste) e Porto Alegre (região sul), *faixa etária* e *sexo* dos informantes.

1. Revisão gramatical e descritiva

No tocante à apresentação dos pronomes pessoais pelas diversas gramáticas normativas, não são verificadas divergências significativas. As questões mais problemáticas dizem respeito aos seguintes pontos: 1) a não inclusão de formas amplamente utilizadas na linguagem coloquial, como é o caso de *você/vocês/a gente* e 2) a concepção equivocada nas noções de número e pessoa. Com relação à forma *a gente*, as gramáticas não apresentam uma posição coerente e única. A classificação é, em geral, controvertida, pois ora consideram *a gente* como pronome pessoal, ora como forma de tratamento, ou ainda como pronome indefinido, comentando-na apenas em notas ou observações de rodapé.

Em termos gerais, os pronomes pessoais são caracterizados pelos gramáticos como indicadores universais das três pessoas do discurso: *quem fala, com quem se fala e de quem/que se fala*, admitindo formas no singular com correspondente no plural. Entretanto, há inúmeras ressalvas que devem ser estabelecidas quanto às categorias de *número* e *pessoa*.

Assim como os nomes têm essencialmente, no plano semântico, um caráter representativo ou simbólico, os pronomes, em oposição, se caracterizam como formas indicativas que situam os seres e/ou coisas no mundo bio-social.

Em sua origem, a *noção de pessoa* está intimamente relacionada a condições pragmáticas, designando um elemento do universo discursivo que pressupõe, por sua vez, uma interação dialógica entre o falante - aquele que enuncia - e o ouvinte - a quem se dirige o enunciado. Esta concepção interlocutiva da noção de pessoa remonta ao latim e reflexo disso era a exclusividade de representação pronominal, em posição de sujeito, para o eixo falante-ouvinte (*ego-tu*). Por sua vez, designava-se "aquele de quem se fala" por intermédio de um demonstrativo (*ille*), dada a inexistência de um pronome pessoal para representar a dita terceira pessoa no caso nominativo. Outras

particularidades, verificáveis hoje, caracterizam a “não-pessoa”: a flexão de gênero e número (*ele/ela, eles/elas*) e a combinação com verbos que nas línguas do mundo, em geral, levam desinência zero. Conforme afirmam há muito os estudos sobre o assunto, entende-se a terceira pessoa como um elemento que se situa fora da interlocução verbal, e tal enfoque deve-se firmar de vez.

Levanta-se ainda outra divergência quanto à descrição gramatical, referente à oposição singular/plural nos pronomes pessoais. Ora, a noção de número implica o grupamento de elementos de mesma natureza e não é isso que ocorre com a forma *nós*, entendida como plural de *eu*, e *vós/vocês* como plural de *tu/você*. No primeiro caso, é inconcebível a junção de *eu+eu*, havendo, na verdade, várias possibilidades de compreensão: *eu+tu/você*, *eu+ele/ela*, *eu+vós/vocês*, *eu+eles*, *eu+todos*. No segundo caso, do mesmo modo, a forma plural refere-se a um conjunto de pessoas *com quem se fala*, admitindo também um valor indeterminado, abrangente, genérico e até difuso. Novamente, à diferenciação semântico-pragmática coaduna-se uma distinção formal, uma vez que o sentido expresso e os radicais das formas *eu/nós* e *tu/vós* são completamente diferentes. A introdução de formas como *você(s)/a gente* ratifica a posição de que a pluralização do *eutu* por *nós/vós* não se processa pela junção de elementos iguais, como se percebe no exemplo:

“Havia uma tradição, desde a copa do mundo de cinquenta, pelo menos aquele pessoal que assistiu e se lembra daquilo. Ah, até *nós* sairmos perdendo. Então, acho que foi o jogo mais emocionante. O Brasil estava jogando mal.” (Inquérito 18, Projeto NURC/Porto Alegre)

O falante emprega a forma *nós* podendo referir-se a ele pessoalmente (o *eu*), ao interlocutor (*tu/você*), aos jogadores que participam da partida, aos torcedores, enfim, a todos os brasileiros em geral.

Fica entendido, pois, que o plural, nos pronomes pessoais, pode indicar:

- a referência a dois ou mais seres que partilham o mesmo lugar na interlocução e, por conseguinte, são da mesma natureza. Poderíamos citar o uso de *vocês*, dito por um professor para interagir com seus alunos, ou seja, mais de um *você*;
- a referência a dois ou mais seres que ocupam lugares diferentes na interlocução (*nós*, representando *eu+você(s)*, *eu+ele(s)*).

- uma referência indeterminada, porque ao englobar diferentes pessoas, um pronome pode, como dizíamos antes, tornar-se tão genérico a ponto de não podermos precisar qual é o seu referente.

Assim, resgatando as considerações sobre *pessoa e número* gramaticais nos pronomes pessoais, teríamos as seguintes observações em termos de uma descrição mais coerente:

1) *Stricto sensu*, a noção de pessoa restringe-se às duas primeiras (*eu* e *tu* (ou *você*)) que se opõem na enunciação, assumindo seus papéis legítimos: *pessoa que fala e com quem se fala*. A forma *ele* é a “não-pessoa”, por excelência, pois se situa fora da interlocução.

2) *Lato sensu*, a noção de pessoa se expande para as formas *eu, tu, nós* e *vós* ou às suas variantes atuais (*você, a gente* e *vocês*), consideradas, então, 4 pessoas gramaticais que podem ser empregadas fora da alocação (*eu/tu*), assumindo o caráter ampliado e indeterminado do elemento *alia*.

Trabalhos recentes sobre pronomes pessoais, e mais especificamente sobre as formas de representação da 1ª pessoa do plural, enfatizam os aspectos levantados sobre a categoria de pessoa e número e a noção do “eu-ampliado” (cf. Omena, 1986, Bastos, 1988, Bondim, 1989, Lemos Monteiro, 1991, Freitas e Albán, 1991, Rollemberg, 1991, Cunha, 1993). Com base em Benveniste (1988), Freitas et alii (1991a, 1991b) realizaram vários estudos, identificando as diferentes possibilidades de formas pronominais, como *nós* e *a gente*, serem utilizadas para expressar o “eu-ampliado”. Considerando eu (o emissor), o ‘não-eu’ (receptor) e a ‘não-pessoa’ (*alia*), mostram como o falante pode utilizar ambas as formas equivalendo a:

a) *eu + não-eu*

(1) “O que *nós* chamamos, aqui, a brisa, que vem da terra...vem da terra propriamente não, da cidade, vamos dizer, aqui onde *nós* estamos, vem da Barra Avenida para o... para Mar Grande.” (Inquérito 135, Salvador)

b) *eu + ‘não-pessoa’*

(2) “LOCUTOR:

- Está assaltando, né. Em frente à minha casa assaltaram as pequenas...

DOCUMENTADOR:

- ...Nessa área de assalto, por exemplo, como é que você chama o ato, o ato de tirar alguma coisa que não é da pessoa que está tomando?

LOCUTOR:

- Hoje mesmo *nós* falamos disso. Eu chamo de roubo.

DOCUMENTADOR:

- Hum. Você chama de roubo sempre?

LOCUTOR:

- Roubo sempre. A minha colega estava perguntando... E ela não saberia usar se era roubo ou furto. Eu não, eu também não, não sei direito como *a gente* usa, mas eu nunca uso furto. Eu sempre uso roubo.”

c) *eu + não-eu + 'não-pessoa'*

(3) “Então a única preocupação que um brasileiro normal, assim ...um padrão de vida razoável tem, é com, é com a estética. Não engordar demais. Mas se *a gente* está comendo as proteínas certas ou não, *a gente* não sabe.”

O caráter genérico e globalizante que *nós* e *a gente* podem assumir, referindo-se, muitas vezes, a um grupo de pessoas indeterminado, tem estimulado outros pesquisadores a analisar de que forma os pronomes pessoais estão sendo empregados pelos usuários da língua como um recurso para indeterminar o sujeito (cf. Rollemberg et alii, 1991 e Cunha, 1993).

Rollemberg et alii (1991), com base em dados de falantes cultos de Salvador, examina esse aspecto relacionando-o com as variáveis ‘categoria de texto’ e ‘faixa etária do informante’. Observa a autora que *você* é o recurso mais utilizado, seguido respectivamente por *nós*, *a gente* e *eles*. Nas situações formais há preferência pela forma *nós*, contrariamente ao que se observa nos textos informais em que o falante prefere *a gente*. Quanto à faixa etária, conclui que *você* e *a gente* são empregados como recursos de indeterminação do sujeito entre os falantes mais jovens, estando *nós* e *eles* na preferência dos idosos.

Percebe-se a existência de uma estreita relação entre o uso de *nós* e *a gente*, com valor ampliado - sem a identificação nítida dos referentes no discurso - e o emprego dessas formas como recursos de indeterminação. Cunha (1993:13) alerta para este fato:

“Parece-nos que pronomes de primeira e de segunda pessoa tornam-se indeterminados na medida em que assumem a capacidade de englobar a “não-pessoa”, o que pode acontecer inclusive com eu.”

Nota-se ainda que esse valor genérico, difuso e indeterminado das formas *nós* e *a gente* e *você* se reflete na própria desinência verbal, como apontaram Benveniste (1988) e Lemos Monteiro (1991). O fato de *a gente* e *você*, por exemplo, abarcarem a “não-pessoa” (*alia*) está expresso na forma verbal a eles associada. Com tais pronomes o verbo fica na 3ª pessoa do singular, que se caracteriza pela marca zero ou falta de desinência e é considerado como forma impessoal. A impessoalidade verbal se coaduna com a noção de amplitude em que as formas pronominais são empregadas. Numa escala que vai do [-determinado] para o [+determinado] *você* e *a gente*, como observam Rollemberg e Cunha, são mais freqüentemente utilizadas do que a forma *nós*, que, em contrapartida, apresenta desinência verbal, ausente naquelas.

Como apontou Lemos Monteiro, parece que estamos caminhando para a simplificação do quadro dos pronomes pessoais, e a gramática não deveria continuar deixando de lado tais questões. Por isso propõe-se, nesse trabalho, verificar que ambientes lingüísticos e extralingüísticos são mais propícios ao uso de *nós* e *a gente*, tentando contribuir para o esclarecimento de mais um ponto abordado de forma pouco coerente por nossos gramáticos, repercutindo num ensino de língua que não corresponde à realidade falada pelos seus usuários.

2. Metodologia

As hipóteses preliminares desse trabalho foram levantadas a partir da pesquisa de Omena (1986), intitulada “A referência variável da 1ª pessoa do discurso no plural”, cuja análise foi feita a partir de um *corpus* de falantes com pouca escolaridade. A intenção básica era partir dos resultados obtidos pela autora e verificar se o comportamento lingüístico de falantes cultos é o mesmo de falantes com pouca escolaridade. Outro objetivo era descobrir se estávamos diante de um fenômeno de variação estável ou de mudança lingüística, além de observar se há uma “unidade lingüística brasileira na aparente diversidade regional”.

Adotando a metodologia sociolingüística quantitativa laboviana (Sankoff, 1988), partimos de um *corpus* constituído de uma amostra de 18 entrevistas

do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) do Arquivo Sonoro do Projeto NURC/Brasil (6 de cada cidade - Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador), havendo uma distribuição proporcional de 01 (uma) entrevista de cada sexo pelas 03 (três) faixas etárias (de 25 a 35 anos (F1), de 36 a 55 anos (F2) e mais de 56 anos (F3)).

Embora tenhamos realizado diversas rodadas binárias, isolando cada uma das variáveis sociais, privilegiamos, para a interpretação e análise dos resultados, a rodada geral que será, paulatinamente, apresentada no exame dos fatores lingüísticos. Os grupos selecionados na rodada geral, por ordem, foram:

- 1º) Paralelismo formal.
- 2º) Sexo associado à faixa etária;
- 3º) Saliência fônica;
- 4º) Região geográfica;
- 5º) “Eu-ampliado”
- 6º) Tempo verbal;
- 7º) Modalização discursiva.

Os outros grupos de fatores controlados (mudança de referente, gênero discursivo, tamanho de grupo e tipo de oração) não foram considerados pertinentes na rodada global.

3. Análise dos dados: *nós* e *a gente* na função de sujeito

Obteve-se um total de 972 dados, sendo 375 de *nós* (39%), 333 de *a gente* (34%), 187 de sujeito \emptyset com verbo na 4ª pessoa gramatical (19%) e 77 de sujeito \emptyset com verbo na 3ª pessoa do singular (8%). Na análise geral, temos 562 dados de sujeito *nós*, explícito ou não, contra 410 de sujeito *a gente*, explícito ou não. Dos 972 dados, 523 são de mulheres e 449 de homens. Quanto à idade, a distribuição também é bastante equilibrada: 253 dados de jovens, 333 de adultos e 386 de idosos.

Em nossos dados, foram identificadas 4 possibilidades utilizadas pelo falante culto para referir-se a 1ª pessoa do discurso no plural: sujeito *nós* - explícito ou não - seguido de verbo com desinência *-mos* e de sujeito *a gente* - explícito ou não - com desinência verbal \emptyset .

“*Nós* íamos” assistir um filme. (Inquérito 121, Porto Alegre)
Então “*vamos*” fazer o negócio.” (Inquérito 181, Rio de Janeiro)

“A *gente* se esquecia” que tinha muito o que fazer e “tomava” duas cervejas e “ficava” com um sono danado.” “Comia” pra burro. (Inquérito 050, Rio de Janeiro)

É importante mencionar que, obviamente, só foram considerados como dados os verbos de 3ª pessoa, sem sujeito explícito, que apresentavam em orações antecedentes ou subseqüentes a forma *a gente*, uma vez que o verbo na 3ª pessoa gramatical pode se referir a diferentes sujeitos não explícitos.

Ainda que se tenha levantado que as duas formas referem-se a um “eu-ampliado”, havendo um certo nivelamento semântico entre elas, identificaram-se ambientes lingüísticos, sejam eles estruturais ou discursivos, favoráveis à presença de *a gente*, enquanto outros apresentam um acentuado condicionamento ao uso de *nós*. As características sociais do falante também atuam no uso das variantes em estudo. A tabela abaixo ordena os fatores mais favoráveis ao uso de *a gente*

Grupo de fatores	Fator condicionante:	Nº/Total	Freq. %	P.R
1) Paralelismo	Forma antecedente = sujeito Ø + verbo em P3	044/048	92	.91
	Forma antecedente = sujeito <i>a gente</i>	161/184	87	.90
2) Sexo/Faixa-etária	M1 - Mulheres de 25 a 35 anos	106/130	82	.85
3) Saliência fônica	Nível 1 - falava/falávamos	081/225	36	.62
	Nível 2 - fala/falamos; trouxe/trouxemos, etc	183/287	64	.63
4) Região geográfica	Rio de Janeiro (sudeste)	217/369	59	.69
5) Eu-ampliado	Eu + você(s) + ele(s) - grau máximo de indeterminação	252/422	60	.65
6) Tempo verbal	Gerúndio	005/006	83	.75
	Infinitivo	029/042	69	.65
	Presente do Indicativo	276/564	49	.60
7) Modalização	Auxiliares modais (poder, querer, etc) + <i>a gente</i>	037/057	65	.59

Tabela 1: Ambientes favoráveis ao uso de *a gente*:

Analisemos, pois, em que consiste cada um dos grupos de fatores selecionados e os respectivos resultados.

A variável *paralelismo*, como atualmente é rotulada nos diversos estudos de fenômenos do português e de outras línguas (cf. Poplack, 1980, Schiffirin, 1981, Lefebvre, 1981, Omena, 1986, Scherre, 1988, Silva, 1988, Gryner, 1990), consiste na tendência de o falante repetir uma mesma forma numa seqüência discursiva, seja dentro de um sintagma, seja entre orações, por influência, dependendo do fenômeno, de fatores pragmático-discursivos.

Observemos um exemplo de uma estrutura paralela de nosso *corpus*:

“Eh, dizem, dizem, os nutrólogos, né, que *nós* somos um povo que pior comem, né? *Nós* não sabemos nos alimentar, né? E é, e é verd... e é real porque *a gente* não tem um mínimo, *a gente* não tem a mínima preocupação com a comida...” (Inquérito 050, Rio de Janeiro)

No exemplo, o falante escolhe *nós* (1ª referência) para designar o brasileiro em geral, incluindo-se nesse contexto. Na seqüência do discurso, utiliza novamente o *nós* - precedido de *nós* (repete a forma). Utiliza depois duas vezes *a gente*, o primeiro antecedido por *nós* e o segundo precedido por *a gente* (repete a forma).

Valor de aplicação: *nós*

Grupo/Fator: Forma Antecedente	Nº/Total	Freq %	P.R	Nível 1
1ª pessoa plural (sujeito Ø)	078/084	93	.86	.90
<i>nós</i>	22/254	87	.79	.83
isolada	18/189	62	.53	.53
1ª referência	11/204	54	.50	.45
<i>a gente</i>	23/184	13	.10	.09
3ª pessoa singular (sujeito Ø)	04/048	08	.09	.06

Tabela 2 - Frequências e pesos relativos de *nós* na seqüência do discurso: paralelismo formal

A tabela 2 mostra que, com relação ao pronome que inicia uma série (1ª referência) e a forma isolada no período, o falante tanto pode usar *nós* quanto *a gente*: pesos relativos próximos de .50. Contudo, no momento em que seleciona uma forma, tal escolha influenciará no uso das formas subseqüentes, pois o falante tende a repetir a mesma forma numa seqüência discursiva.

Observa-se uma maior freqüência: 1) com o sujeito não explícito com verbo na 1ª pessoa do plural - (93% dos casos, .86), e 2) com a forma *nós* precedida de uma oração introduzida por *nós* (87%, .79). Isto indica que a probabilidade de usar *nós*, ao invés de *a gente*, é significativamente maior quando o falante utiliza também *nós* em oração antecedente. A forma *a gente* apresenta comportamento idêntico: há maior probabilidade para o uso de *a gente* quando o antecedente formal é *a gente*, e o verbo encontra-se na 3ª pessoa do singular, com sujeito explícito ou não.

Interessante observar ainda que a presença do pronome no paralelismo está relacionada à mudança de referência, apresentando-se altos índices de sujeito explícito na 1ª ocorrência de uma série. Isso nos sugere que o falante, a fim de identificar para o ouvinte o referente, necessita explicitá-lo formalmente, quando faz sua primeira alusão a ele, iniciando um tópico. Durante a interlocução, este recurso será utilizado, novamente, quando houver uma mudança de referência.

O paralelismo formal mostrou-se significativo na análise, sendo selecionado em primeiro lugar em todas as subamostras. Os fatores de natureza discursiva controlados - determinação do referente, mudança da referência, tipos de discurso - foram dominados pelo paralelismo, que se revelou o condicionador mais poderoso.

Com relação ao princípio da *saliência fônica* (Lemle & Naro, 1977), diz-se que entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existe, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada. Caso contrário, ou seja, quando for menor essa distinção, há uma tendência a neutralizar-se a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas.

Nos nossos resultados identificamos que quanto maior a diferença entre as formas do singular e plural maior probabilidade de ocorrer o pronome *nós* (.77), tabela 3 próxima página, nos níveis 3, 4 e 5 (*está/estamos, comeu/comemos, é/somos*). Em contrapartida, nos níveis 1 e 2 de menor *saliência* (*falava/falávamos, fala/falamos*), há favorecimento para a forma *a gente*.

Grupo de fatores	Fator condicionante:	Nº/Total	Freq %	P.R
1) Paralelismo	Forma antecedente = sujeito ϕ + verbo em P1	078/084	93	.86
	Forma antecedente = sujeito nós	222/254	87	.79
2) Sexo/Faixa-etária	H3 - Homens com mais de 56 anos	173/199	87	.81
3) Saliência fônica	Nível 3 - está/estamos, tem/temos	150/221	68	.65
	Níveis 4 e 5 - comeu/comemos, vai/vamos, foi/fomos, falou/falamos, é/somos	120/149	81	.77
4) Região geográfica	Porto Alegre	272/379	72	.60
5) Eu-ampliado	Eu + você - grau máximo de determinação	25/3222	78	.66
6) Tempo verbal	Preterito Perfeito do Indicativo	081/086	94	.90
	Futuro do Subjuntivo	006/009	67	.84
	Preterito Imperfeito do Subjuntivo	008/012	67	.67
7) Modalização	Verbos de opinião ou expressões do tipo “eu acho que” + x	009/010	90	.92

Tabela 3 - Ambientes mais favoráveis ao uso de *nós*

Para analisar o “*eu-ampliado*”, definimos, seguindo alguns esquemas propostos em outros trabalhos (cf. Lemos Monteiro, 1991), níveis situados entre dois extremos: o grau máximo de inclusão do “eu” e o grau mínimo de inclusão do “eu”. Os resultados mostraram que há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico. O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* 1) para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (eu+você) (.91), ou a (eu+ele) “não-pessoa”(.87): referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*(.65), de maior grau de impessoalidade.

No gráfico 1, há uma ascendência progressiva no uso de *a gente* em função do maior grau de amplitude do *eu* [-determinado]. Percebe-se a configuração de graus, partindo de *eu+você(s)* [+determinado] aumentando gradativamente a generalização até atingir o maior nível de indeterminação *eu+você(s)+ele(s)* ou *eu + todos*. No caso de *nós*, o processo é inverso: quanto maior a delimitação do “eu-ampliado” (*eu+você(s)*), maiores são os índices percentuais, que vão decrescendo na medida em que se parte para a generalização (*eu+você(s)+ele(s)*).

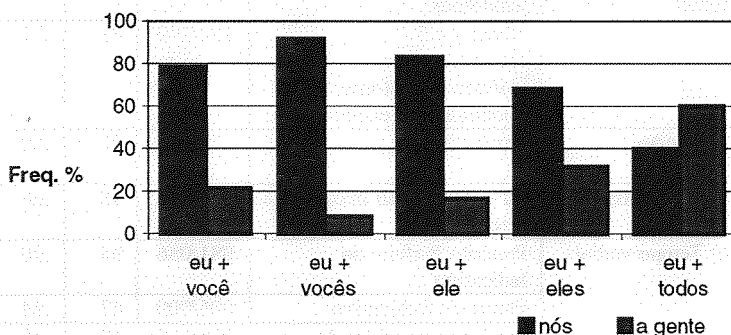


Gráfico 1 - Graus de amplitude do "EU"

O tempo verbal revelou-se, também, em nossa investigação, como fator significativo. Ao testá-lo, como grupo de fatores, tínhamos as seguintes hipóteses, que, como veremos, se confirmaram:

- a) O uso de *a gente* com o gerúndio é categórico, (Omena, 1986);
- b) A desinência número pessoal (DNP) *-mos* vem adquirindo a função de morfema pretérito, em oposição ao \emptyset no tempo presente, (Fernandes & Gorski, 1986);
- c) O pretérito imperfeito, o presente e as formas nominais favorecem o uso de *a gente*, já o futuro e o pretérito perfeito favorecem a presença de *nós*, (Omena, 1986).

As maiores probabilidades para o uso de “*nós*” ocorreram com o pretérito perfeito (94%, .90) e com os tempos que se caracterizam pelo fato de apresentarem maior número de marcas. Observaram-se altos índices, em termos de peso relativo, para o futuro subjuntivo (.84); o imperfeito do subjuntivo (.67); o presente do subjuntivo (.58); e o futuro do pretérito do indicativo (.61): tempos verbais em que a presença da desinência modo temporal é regular,

com um emprego bem específico em termos semânticos e limitado a certas construções sintáticas. Os pesos relativos maiores para o uso de *a gente* ocorreram em formas nominais (infinitivo .65 e gerúndio .75) e presente do indicativo .60.

Na análise da *modalização*, observamos apenas dois recursos que consideramos opostos: os “auxiliares modais” do tipo *poder, querer, dever, etc.* que são utilizados para amenizar a responsabilidade do falante em relação ao seu discurso e os verbos ou expressões de opinião, como as orações performáticas “eu acho que “, empregados para evidenciar uma posição pessoal do falante sobre um tópico. Nossos resultados indicam que houve maior favorecimento da forma *nós* nas situações em que o falante expressa sua opinião pessoal (90%, .92). No entanto, ao modalizar seu discurso, através dos auxiliares *poder, dever, querer, etc.* a forma *a gente* prevalece (65%, .69).

Quanto à faixa etária, Omena (1986) constatou que na fala popular os falantes mais jovens empregam a forma *a gente*, enquanto os idosos utilizam, preferencialmente, a forma *nós*. Em nossos resultados prevalece um peso relativo de (.77) da forma *a gente* entre os falantes cultos de 25 a 35 anos (faixa 1), ao passo que houve uma ocorrência de .60 da forma *nós* entre os informantes com mais de 56 anos (faixa 3).

Com relação ao sexo, contrariamente ao que se observa entre os falantes de menor grau de escolarização, o peso relativo de uso de *a gente* é maior entre as mulheres (.59). Entre os homens tem-se 69% de ocorrências da forma *nós* contra 31% de *a gente*. A intersecção sexo e faixa etária faz-se necessária para verificar se o fenômeno da substituição de *nós* por *a gente* é um processo de variação estável ou de mudança lingüística. A preferência pela forma não-padrão entre as mulheres pode sugerir-nos a segunda opção, embora, ao inter-relacionar as duas variáveis sociais (sexo e idade) verifique-se uma configuração curvilínea, interpretada como um padrão de variação estável, jovens e idosas com índices mais altos que as falantes da faixa média. No caso dos homens, observa-se uma progressão contínua e ascendente.

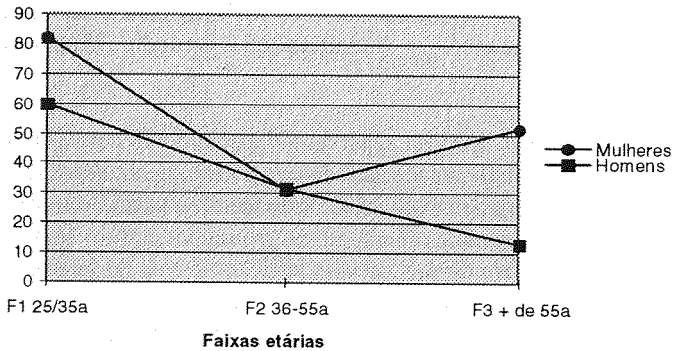


Gráfico 2 - Sexo/Faixa etária - uso de a gente

No plano diatópico, Lemos Monteiro (1991) examinou as tendências de uso dos pronomes “*nós* e *a gente*” em cinco capitais brasileiras, mostrando que não há grande divergência entre elas. Comprova o autor que Porto Alegre e Salvador são as cidades em que o emprego de *nós* atinge a taxa mais elevada e o Rio de Janeiro cidade em que mais se usa o sujeito *a gente*. Em minha pesquisa, com um *corpus* menor, a distribuição entre as cidades mostra-se significativa. No Rio, acusa-se uma preferência de (59%, .69) para o uso de *a gente*, em oposição a Porto Alegre e Salvador, cujos falantes utilizam mais a forma *nós* (72%, .60 e 63%, .66).

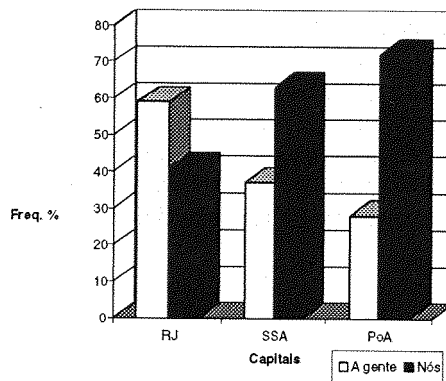


Gráfico 3 - uso de nós e a gente por região

4. Considerações finais

Confirmando-se, em sua maioria, as hipóteses levantadas a partir do estudo de Omena (1986), concluímos que os fatores lingüísticos que condicionam o uso de *nós a gente* são, praticamente, os mesmos, tanto para os falantes com pouca escolaridade, quanto para os de formação universitária completa. O processamento da mudança lingüística nos dois grupos, entretanto, está ocorrendo de forma diferenciada. Nos falantes com pouca escolaridade (Omena, 1986) a substituição de *nós* por *a gente* encontra-se em um estágio mais avançado que entre os falantes cultos. Estes últimos, homens e mulheres de meia-idade — sofrendo pressões sociais maiores, em função de suas atividades profissionais — estão, talvez, retardando a efetivação da mudança.

Em síntese, destacamos as tendências gerais quanto ao uso de *nós* e *a gente* no português falado culto do Brasil:

- a) numa seqüência discursiva a forma *a gente* ocorre quando precedida de outra forma *a gente* ou verbo na 3ª pessoa do singular, sem sujeito explícito. O mesmo acontece com o pronome *nós* que tende a se repetir no paralelismo discursivo. Entretanto, quando o referente é outro, a forma escolhida pelo falante também se altera;
- b) há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico. O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu), ou a não-pessoa: referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*.
- c) os tempos verbais não-marcados e o presente favorecem o uso de *a gente*; formas [-salientes], enquanto o futuro e o pretérito perfeito e os tempos do subjuntivo favorecem a presença de *nós*: formas [+salientes];
- d) Os falantes jovens empregam mais a forma *a gente* e os falantes idosos, a forma *nós*. Os adultos, com formação universitária completa, estão utilizando as duas formas;
- e) as mulheres tendem a usar mais a forma *a gente* do que os homens;
- f) o Rio de Janeiro é a cidade onde mais se usa o sujeito *a gente*, enquanto em Porto Alegre e Salvador o emprego de *nós* é bem mais freqüente.

Ainda que se tenha realizado uma análise separando os ambientes lingüísticos dos sociais e apresentando os resultados isolados, percebe-se que o uso das duas formas condiciona-se a determinados ambientes lingüísticos e discursivos que se inter-relacionam, endossando o caráter indeterminado de *a gente* em oposição a uma nuance mais específica de *nós*. Em primeiro lugar, tem-se o uso da forma *a gente* para referências discursivas mais vagas, indefinidas e amplas. Ao se referir a um grupo grande de pessoas, indeterminado e difuso, o falante prefere tal forma pelo seu caráter genérico. Utiliza *a gente* também com o presente, infinitivo e gerúndio que são formas verbais características das enumerações de atos habituais, freqüentes ou até atemporais, associados aos discursos descritivos, argumentativos e expositivos. Com a forma *a gente* o falante se descompromete com o seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares. Quando eventualmente narra um fato vivido, o comprometimento com aquilo que enuncia é maior, por isso o falante utiliza o pronome *nós* que, embora também possa englobar o elemento *alia*, possui um caráter mais específico e determinado, daí a sua presença em ambientes lingüísticos em que o referente é identificável e conhecido e o tempo verbal é o pretérito (característico da narração de fatos reais).

Com relação à fala carioca, é inegável a sua posição não-conservadora, contrapondo-se às outras duas cidades. As mulheres aparecem inovando com o uso de *a gente* e, como apontou Labov (1990), através da escola básica e da família, conduzem os membros da sociedade aos primeiros contatos com a linguagem, iniciando o processo de mudança lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBÁN, M. del R. et alii. (1986). *Nós e a gente: uma abordagem na norma culta brasileira*. In: *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA.
- BASTOS, L. C. (1988) O emprego da 1ª pessoa do singular ou da 1ª Pessoa do plural -uma questão discursiva. In: *LETRAS & LETRAS*, v. 4, ns. 1 e 2. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Departamento de Letras, p.115-131.
- BECHARA, E. (1967) *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo, Ed. Nacional.
- BENVENISTE, E. (1988) *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP, Pontes: Editora da UNICAMP.
- BONDIM, R. G. (1989) *Nós, quem, cara-pálida? ou A Representação do Sujeito no Discurso Evasivo*. Dissertação de Mestrado em Letras. Rio de Janeiro, UFRJ, 423 p. 2 volumes.

- CUNHA, C. F. & L. CINTRA (1985) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- CUNHA, C. de S. (1993) *Indeterminação pronominal do sujeito*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ.
- FERNANDES, E. & E. GORSKI (1986) A concordância verbal com os sujeitos Nós e A gente : um mecanismo do discurso em mudança. In: *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, p.175-83.
- FREITAS, J. & M. del R. ALBÁN (1991) Nós ou a gente? *Estudos lingüísticos e literários*. nº 11, Salvador, Universidade Federal da Bahia.
- FREITAS, J. et alii. (1991) Os pronomes pessoais na norma culta e nos textos pedagógicos. In: *Estudos lingüísticos e literários*. nº 11, Salvador, UFBA.
- ____ (1991a) Eu, você et alia em três diálogos. In: *Estudos lingüísticos e literários*. nº 11, Salvador, UFBA.
- ____ (1991b) Nós e a gente em elocuições formais. In: *Estudos lingüísticos e literários*. nº 11, Salvador, UFBA.
- GRYNER, H. (1990) *A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais em português* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, FL/UFRJ, mimeo.
- LABOV, W. (1990) The intersection of sex and social class in the course of linguist change. In: *Language Variation and change*. Editors: David Sankoff et alii, Cambridge, Univ. Press, Vol 2, nº 2.
- LEFEBVRE, C. (1981) Variation in plural marking: the case of cuzco quechua. In: SANKOFF, D. & H. CEDERGREN (eds.). *Variation Omnibus*. Canadá, Linguistic Research Inc..
- LEMLE, M. & A. J. NARO, (1977) *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MOBRAL.
- LEMONS MONTEIRO, J. (1991). *Os pronomes pessoais no português do Brasil*. Tese de Doutorado, UFRJ.
- NARO, A. et alii. (1983) *Uma mudança lingüística em curso: a concordância com o sujeito nós/a gente*. *Seminário sobre variação em sintaxe*. UFRJ, Rio de Janeiro.
- OMENA, N. P. de. (1986). A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, Anthony et alii. *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro, UFRJ, V. 2. p.286-319.
- POPLACK, S. (1980) The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (eds.) *Locating language in time and space*. Philadelphia, University of Pennsylvania.

- ROLLEMBERG, V. et alii. (1991). Os pronomes pessoais sujeito e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador. In: *Estudos lingüísticos e literários*. nº 11, Salvador, UFBA.
- SAID ALI, M. (1964) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 5 ed. São Paulo, Edições Melhoramentos.
- SANKOFF, D. (1988) Variable rules. In: AMMON, Ulrich et alii (eds.) *Sociolinguistics - An international handbook of the science of language and society*. New York.
- SCHERRE, M. P. (1988). *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ.
- SCHIFFRIN, D. (1981) Tense variation in narrative. In: *Language*. SA, 57 (1):5-62, mar.
- SILVA, V. P. da. (1988) *Carta Cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro. mimeo.